

O Folclore dos Secos e Molhados

Eduardo Campos

Há frase de adoção sertaneja, no Ceará, que define o trato de negócios e de esperanças: “o fim das águas”. Raro dizer-se: “o começo das águas”. É que terminado o inverno, quando se tornam espaçadas as últimas chuvas, o sertanejo faz a avaliação contábil do que terá de cumprir: paga dívidas e visitas. Acerta as contas da meia do algodão, apura a boa ou razoável safra que conseguiu de sua *planta*, como refere, e guarda sementes, principalmente as do milho e feijão. É que, nem por sonho, aceita poder suceder sem inverno o ano vindouro. Prelíbia sempre a generosa estação de chuvas, começada a mais tardar pelos meios de janeiro. E as sementes são fundamentais para situar novos roçados; certeza de alentar-se uma vez mais com o feijão, supridor providencial de sua mesa; e o milho, responsável pelas alegrias da culinária dos festejos juninos; e a criação rudimentar de penosas, menos de meia dúzia de galinhas que assegurarão a canja do doente, comidinha “inocente” — entenda-se: leve, sem complicações — de mulher recém-parida, em tempo de resguardo.

Passou junho, o nordestino já vai procurando aperfeiçoar sua maneira de perscrutar a natureza, a lhe descobrir os segredos, as intimidades ainda que escondidas, para interpretar por sinais, — pelas experiências que faz, que dias lhe reserva Deus. Põe a funcionar sua incipiente e supersticiosa ciência meteorológica, a ver o posicionamento das nuvens, por onde andam essas, em que direção as tangem os ventos; em que sítio há traços de umidade, se no ar

ou nas coisas, mudança de temperatura; se os enfiados estão ocorrendo antes de agosto, ou se por sobre os campos, nas manhãs frias, sustenta-se, virente, a névoa seca. — E mais: se as plantas retêm muito ou pouco orvalho, e se poços, cacimbas, vão secando a mais velocidade...

Toda sua pedagogia adestrada ao exercício da árdua vida, que desfruta, aproveita por esses momentos os mais árdios pronunciamentos do ecúmeno: o que os bichos, em sua linguagem ou ações rotineira, parecem transmitir, prescientes dos dias, por diante, que se avizinham.

Mas até aí, o homem continua aferrado no pensamento otimista de que haverá inverno, a tecer e retecer planos para os dias molhados, que aguarda comecem cedo, não tão cedo que lhe chegue a prejudicar uns restos de vazante, onde ainda viçam os pés de jerimum enramados, com frutos que se criam na umidade salvadora.

E dá balanço nos sinais do tempo bonançoso que sua sabedoria, e a dos vizinhos, sempre amigos, adestrou. As umarizeiras, à margem dos rios, estão carregadas, sinal de que vão largar os seus frutos aos empoçados do inverno. As formigas movem-se impacientes, e na frente do terreiro mudaram de morada mais de uma vez. A sericóia, à boca da noite, deixa o rasto no leito seco dos riachos, e canta a desoras. O "joão-de-barro", previdente, acabou de construir o seu ninho — bem arranjada casinha de barro, com porta voltada para o poente, sinal de que, embora haja bastante chuva, vinda do nascente, seus filhotes ficarão resguardados.

Os jumentos, tão associados à vida doméstica do sertanejo, andam suados nas partes pudentes. A lua foi surpreendida dentro de um anel. E como nunca se viu antes, há mulheres prenhas e gatas tomando cria. Ovas de aruá advertem a todos, postas tão altas, como se temessem a subida das águas. Rãs cantam no canto do pote, ou escamoetadas em pedacinho de bica, ou folha de bananeira. Anúns, em bando álaçre, pipilam na garrancheira. Baratas dão de voar para dentro da casa, saídas do mato. E mais de uma vez, passarinho inidentificável, cantou dentro da noite.

Dr. Jósa Magalhães, a respeito, acrescenta mais sinais: "Diz-se que em se matando um nambu-codorniz, entre setembro e novembro, e for verificado que ele se encontra cheio de ovos pequenos,

o inverno costuma vir cedo, pois o nambu só desova quando o mato se mostra já crescido. Se, pois, nesta época já está adiantado na ovulação é porque o inverno virá cedo. Muitas pessoas tem-me referido a correlação de bons invernos com a abundância de ninhos de rolinha cabocla, pelo chão, de julho a dezembro. Teremos bom inverno para o ano? Interroguei certa vez a um velho sertanejo do vale do Jaguaribe: "Teremos, sim senhor." Respondeu-me ele, corajosamente. "As rolinhas estão fazendo ninho, as rãs cantando pelo mato e se a gente quebra um pau seco, está cheio de formigas criando asa." E concluiu: "Tudo isto são boas experiências, meu patrão."

Outro informante, desta feita vaqueiro, confiou àquele pesquisador: "Doutor, a parição de animais fêmeas significa abundância. Por isso é que eu digo que haverá inverno."

Em sua edificante "Carta Pastoral" sobre a seca de 1942, Dom Antônio de Almeida Lustosa, então Arcebispo de Fortaleza, anotou com muita precisão e estilo: "Tratando-se de adivinhar o tempo, com pequena antecendência admitem-se muitos sinais de previsão. Geralmente o ocaso rubro indica o "amanhã" sem chuvas."

"É interessante recordar que Jesus Cristo aludiu a esse indício de bom tempo, ao que parece. É verdade que ele refere o que diz o povo, mas parece apoiar a opinião popular. Eis o trecho de São Matheus, que trata do assunto (cap. 16-1-2-3-4):

"Então vieram ter com ele os fariseus e saduceus a tentá-lo e rogaram-lhe que lhes mostrasse algum sinal do céu. Mas ele respondendo, disse: ao cair da tarde dizeis: Bom tempo fará, porque o céu está cõr de rosa. E pela manhã: Hoje haverá tempestade porque o céu brilha tristemente. Sabeis portanto distinguir o aspecto do céu: e não podeis distinguir os sinais dos tempos?"

E no mesmo trecho, mais incisivo: "O que porém interessa ao nosso povo é conhecer se há inverno com notável antecendência. Grande esperança anima o cearense quando em sobressalto com a tardança do inverno ouve que "no Piauí caem boas chuvas".

E quando, afinal, chegam os molhados, dá-se o aguardado tempo de alegrias, sujeito ao caprichoso e interessante vocabulário que define como se manifesta a natureza, como, principalmente, falam ou representam as chuvas. Há terminologia especial para

explicar os diversos tipos de chuvas. Miúda, se dura pouco. Pesada, quando se abate estrondeando sobre as casas, açoitada pelo vento; chuvisco, se mal cai, para molhar a terra; criadeira, quando demora, embora leve; em corda d'água, se engrossa e afina alternadamente; molha-besta, se encharca os que se metem nela, imaginando-a chuvisco desimportante; meladora, a que enlama; nevoenta, de muita umidade no ar; casamento-de-raposa, se de permeio abre o sol; neblina ou nebrina, se é pouca; mofina, de quase nenhuma consistência; de rama, de caju, ou de manga, precipitações circunstanciais ocorrentes de setembro a outubro, inclusive; de pancada ou de pedra, se transcorre impetuosa; de matar sapo afogado, quando parece não cessar mais; toró, chuva de encher açude e fazer correr rio.

Herdamos aos nossos avós portugueses alguns ditados vigentes ainda, como este tão repetido: "Em abril, chuvas mil..." E maneiras muitas de dizer, frases coloquiais, alusões, simples referências, como as que se seguem próximas do nosso vocabulário e tomadas por nós ao livro de Augusto César Pires de Lima, *Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos: águas-novas*, ao invés de primeiras chuvas: aliviar, no lugar de melhorar o tempo; carga d'água, por aguaceiro; esgarçar, por chuva que se esvai e tantas outras.

Para apressar a vinda do inverno, quando a estação das águas demora, desenvolve-se toda uma série de procedimentos religiosos. Alguns irreverentes, para não dizer agressivos, como o que fazem, amarrando a imagem de Santo Antônio, de cabeça para baixo, e, sob a expiação forçar a que apresse o que desejam obter. Também por esses dias, revivendo velha tradição portuguesa, em procissão são mudados os santos de uma igreja para outra. Em Pacatuba, no século passado, a imagem da padroeira do lugar, para propiciar o início do inverno, permanecia de "castigo" na residência da pessoa mais importante da comunidade.

Em cortejos processionais a queda de qualquer adereço de imagem transportada é mau augúrio. No romance de Cordeiro de Andrade, *Cassacos*, cujo cenário em que se desenvolve é a cidade de Sobral, vai narrado o tombo da coroa do Menino Deus, deslocada acidentalmente por um galho de árvore, não tendo valido os

gritos dos que acompanhavam a procissão: “Com jeito! Abaixem o andor! Cuidado!”

O romancista põe todos os temores sertanejos na boca de D. Benvinda: — “Coroa de Menino Deus, cair, seca na certa. Tiro e queda.”

Mas se chove, está tudo bem, no melhor dos mundos possíveis, como diria o *Candide*, de Voltaire. Mas se o inverno passa das medidas, a ponto de se transformar em “seca verde” ou “seca d’água”, na paradoxal conceituação do interiorano, é preciso praticar tudo para que cessem as chuvas. . . É hora de se pôr no quintal da casa um terço dentro de bacia, para obstar o chuveiro.

Ritual para tudo: para não chover muito, para deixar de chover. . . e para que o inverno não demore, chegue a tempo de molhar o roçado preparado para receber a planta, em terra tisnada pelo fogo da broca. Getúlio César, em *Crendices do Nordeste*, reproduz uma rogação religiosa proterida pelo sertanejo, ao redor dos aceiros do roçado, para que não tardem as chuvas já prometidas por mil sinais lidos ao tempo:

“Deus de bondade, protejei os nossos filhos; não os deixeis desamparados; dai-nos conforto, dai-nos fortuna, dai-nos pão, dai-nos chuvas, que sem chuvas não alcançaremos o sustento. Todos os anjos e santos pedem chuvas a Deus. Mãe de Deus, por vossas dores, não deixeis vossos filhos desamparados. Pai de felicidade, Pai de riqueza, e pai dos homens, quem reza com fé vê o que quer. Amém.”

Há quem plante no seco, principalmente arroz. E plantar no seco significa enterrar a semente logo aos primeiros dias de janeiro, quando os torreões se encastelam pelos céus. . . Mas a maioria espera que caia pelo menos a primeira chuva demorada, dessas que molham a terra, alvoroçando as tanajuras. . .

A alegria é de todos, por esses momentos. A natureza, seguramente, também participa das emoções. É que, quase a um repente, pois não demora mais do que uma semana, o verde então desvivi-do, torna-se outra vez virente, e se vê brotar do chão milhares de plantinhas, sem nome, que se reúnem em grupos compactos de verdes resurrectos.

Soou então a hora do homem cultivar o chão, fazer a planta, atento a ensinamentos agrícolas de sua botânica popular. Assim, como nos informa Getúlio César, evita semear o feijão às segundas-feiras que, o plantado nesse dia só dá folha; tanto o jerimum como a melancia nascem bem se plantados pelas horas da tarde. Quanto ao primeiro, o plantador, ao ver as ramas do jerimuzeiro se alastrarem, terá que repetir várias vezes: — “Vai botar jerimú como pedra...”

O algodão, situado em dezembro e fevereiro, dá bons carregos. E o milho, semeado e virado no escuro, livra-se do gorgulho. E quem quiser ver a bananeira soltando o cacho, para produzir em poucos meses, deve plantá-la dançando em torno da cova aberta... Até o padre-nosso é rezado para que as sementes não sejam perturbadas pelos passarinhos...

Mas com o tempo das águas fartas, bem distribuídas, o matuto tratou do roçado, venceu as lagartas que vieram com as chuvas de janeiro... e se foram com a ardência do sol de fevereiro; e colheu a messe, não a faltar, como se pode depreender, e como ele próprio espera sempre, mas a ponto de se sentir bem recompensado.

Destaque-se aqui que se deverá aprofundar, um dia, a mais vagar, a imagem de abundância, de fartura, que alcança e envolve o sertanejo, o que é evidente paradoxo diante dos obstáculos que enfrenta, e da parcimoniosa dieta que o sustenta. É com salutar alegria de fome contentada que celebra, em versos ou em histórias, episódios que envolvem referências a alimentos e a mesa farta. Não é sem razão que uma das mais festejadas aventuras de Pedro Malasartes, vigindo pelos sertões, é da divertida cena em que ele participa, tendo por protagonista a dona de casa, que o hospeda, resistindo a não lhe servir os quitutes guardados para o marido — galinha assada e doces, que Malasartes percebera de cima do telhado, antes de entrar na residência. No correr do conto popular o finório vai fingindo estar o seu urubu, pretensamente mágico, a lhe dizer onde estão escondidos aqueles pratos.

Não fica aí o envolvimento de Pedro Malasartes com o fascínio da alimentação. Em novas aventuras, depara-se-nos a seqüência da panela encantada capaz de preparar apetitoso feijão, cozido com carne, sem necessitar de fogo.

Há uma exaltação pelos alimentos do sertão, na prosa e no verso, a conferir a impressão de que ela, mesmo subjetiva, supre a satisfação pessoal do homem simples sertanejo. O cantador Fabião das Queimadas, em versos colhidos por Luís da Câmara Cascudo, flagra esta cena de Manuel Adelino, conclamando os vaqueiros para vaquejada, em que se preliba alimentação abundante:

“Tornou a dizer de novo
Ali aos seus camaradas:
— Boi e vaca que morrer
Hoje, de perna quebrada,
Tudo é para se comer
A mim não se deve nada.

Ficou o povo animado
Com as palavras do patrão.
— Vamo agora comer muito
Farofa, carne e pirão...
Até eu estive lá
Também dei meu empurrão...”

Nas facécias é que o tema da abundância, do alimento servido exageradamente, predomina. Nestes versos de uma estrofe, anotada por Leonardo Mota, ouvidas ao cantador piauiense Cão Dentro, o assunto espelnde com todo o seu absurdo:

“Vindo um dia do serviço
Na broca do meu roçado,
Quando cheguei lá em casa
Achei um homem arranchado,
Falou-me o capão em compra,
Eu disse: — “Dou ele é dado!”
E falei para Sa Rita:
— “Quero este capão matado!”
Mais com pouco ela me disse:
— “O capão está perparado!”
Veio capão com arroz,

Veio capão de guisado,
Veio capão com pirão,
Veio capão assado,
Veio capão com tempero,
Veio capão recheado...
Comeram quarenta homes,
Ficaram tudo entaipado...
Um quarto desse capão
Sa Rita tinha guardado
Lá num canto da cozinha,
Num gancho dependurado:
Este capão de Sa Rita
Por ela foi bem criado..."

O folclore cearense — e por extensão o do Nordeste — é pródigo nas faceciosas referências a alimentos e comilões.

A própria linguagem do cotidiano, para referir a morte de pessoas da comunidade, tem um nítido sentido de frustração aos prazeres da mesa sertaneja, evidenciada por estes exemplos alinhados pelo pesquisador Mário Souto Maior:

Assim, o ato de falecer não pertencer mais ao nosso mundo sentenciam-se deste modo:

— Não-comer-mais-feijão; — não-comer-mais-pirão; — comer-pão-de-terra; — dar-adeus-a-jerimum; — deixar-a-farinha-para-os-outros; deixar-de-comer-farinha; — entregar-a-rapadura; — ir-dar-conta-do-feijão-que-comeu, etc. etc.

Mas os que comem muito, incomedidos — logo enquadrados em conceito desprimoroso: “é mermo que impinge!” —, são julgados impiedosamente pela sabedoria do povo. A propósito, escrevemos de certa feita: “Talvez haja um pouco de exagero nesta conclusão mas tudo indica que somos todos, principalmente os nordestinos, terríveis inimigos dos glutões. É bem possível que sob a influência da seca, terminássemos abusando os que se sentam à mesa para comer à farta.”

O povo, em sua linguagem espontânea e saborosa, não poupa a quem se exagera à mesa: — “Virge, é vê um cavalo pra comer!” — “Derruba um prato de feijão, num abrir e fechar de olhos!” —

“Ele não come, engole!” — “Viu comida, é como urubu por carniça.” — “Come tanto, que só falta roer a beirada do prato.” — “Ô home pra comer! Não é um home, é uma seca.” — “Como ele é só no “venha mais”. — “É um cabra esgalamido!” — “Come com os olhos e a testa.” — “Come até às tampas.” — “Bota tanta comida no prato, que dá pra se esconder por trás.” — “Parece que a comida vai se acabar...”, etc., etc.

Leonardo Mota, em *Viroleiros do Norte*, conta a refeição que fez no Hotel Clementino, de Iguatu, acompanhado do Major Raimundo Afonso, tendo este, a certa altura, vendo-o preferir macarrão e ervilhas, sentenciado: “— Dr., o Sr. fique ciente que o que dá valor ao home é carne, feijão e farinha...” E, depois, a ouvir Leonardo Mota confirmar a preferência por macarrão, não se conteve: “— Como lá isso! De comida estrangeira eu só como mesmo é doce de latra!”

As comidas, quer dos dias secos, quer dos dias molhados, dividem-se em inocentes (as que não fazem mal) e “reimosas”, as que lembram a ciência médica antiga, que atribuía a qualificação de carregadas (isto é, cheia de humores) às carnes duras de boi e bode. Pois bem, os chamados “humores melancólicos” revivem ainda hoje no dia-a-dia da dieta do sertanejo, e respondem com *reuma*, às vezes, em certos alimentos, provocadores de inesperados distúrbios. A “reima” dá, principalmente, em quem estando adoentado, come frutas como ata, murici ou cajá. Capote e pato encabeçam a lista das aves mais doentias. De um modo geral, quase toda a carne de caça tem “reima”, atribuída ao fato de ter morrido o animal de *morte matada*, circunstância que deixa o sangue “preto”, agitado. Outras carnes intenditas ao homem: carne de porco, de preá, de peba ou tatu. Quem convalesce, terá de tomar sopa ou canja.

Para dar sustância: tutano, cabeça de peixe, mocotó, carne de réz descansada...

Na própria designação dos cães é firme a idéia de vigor, ao lado da de coragem, apresentada em sua visível desnutrição. Chamam-nos de Leão, Tigre, Rompe-nuvem, Rompe-ferro, Tira-teima, Baleia, Sultão, Barão. E, na realidade, o que se vê é mísero cachorro conseguindo sobreviver de sobras, lembrando o episódio co-

lhido por Gustavo Barroso para o seu livro *Terra de Sol*. É o caso de sertanejo explicando a vida dura que enfrenta:

“Graças a Deus, há dias em que eu passo bem! A minha cachorrinha vai à mata, pega um preá e vem comê-lo no terreiro. Eu tomo o bichinho, cozinho-o e como-o.”

“E a cachorrinha?”

“A cachorrinha rói os ossos ou vai atrás de outra coisa...”

Nos tempos molhados, de fartura, de verdes, deve ser correta a apreciação de Paulo Frederico Maciel quanto ao teor calórico da alimentação dos sertões. Registra ele: “Essa área sociológica perfaz 670.000 km² e tem sua alimentação na base do milho. Entretanto, não é pobre, fisiologicamente falando, como certas zonas da Rumânia, Sul dos Estados Unidos e da Itália, em virtude da presença na alimentação, às vezes, da carne de cabrito e do leite, infelizmente, tomado menos em espécie que em pratos típicos. Comem-se bastante coalhadas e as imbuzadas. A fome, aí, é apenas epidêmica, como diz Josué de Castro, acontece com a seca: normalmente, a alimentação chega a produzir, conforme Orlando Parahim, 2.285 calorias.”

Mas quando se instala a seca, anunciada por sinais que o sertanejo não confunde — não choviscar ao menos no dia de Santa Luzia; gata não pegar cria; fumaça subir em pé das chaminés das cozinhas; ausência de ofídios nas picadas abertas no mato; vento desembestado pelo final do ano; ausência de abelhas nos campos, etc., etc. — o homem tem de se valer necessariamente dos poucos recursos de que dispõe em seu meio ambiente. Porém, seu instinto de conservação desenvolve e aprimora a inteligência para o aproveitamento de tudo que, ao redor da paisagem, que define, possa acudi-lo como alimento. É aí que prevalece então a dieta exótica, selvagem, de raízes e frutos pouco apetecentes, só comidos em circunstâncias mais dramáticas.

Escrevi antes, em livro de minha autoria (*A Viuvez do Verde*): “Mais desnutridos, sugados, caquéticos, são essas criaturas (flagelados) que resistem até abandonar suas paragens, a se valerem quanto podem, de raízes silvestres — o que lhes restou do ecossistema consumido. Ora o juá, pequeno e adocicado fruto do juazeiro, ora o feijão bravo, ou a amêndoa da mutambeira, depois que se tornaram raros os cocos dos catolés e a ameixeira do mato é escassa.

Alguns, a desespero, se contentam com raiz de mucunã nem sempre preparada sob cuidados, que é árduo encontrar água para lavá-la nove vezes, como inspira a tradição.”

A dieta selvagem — anotei aiada naquele livro — prevalece com raízes de maniçoba e de umbuzeiro; aproveita resto de quandû, macambira, xiquexique ou frutos do mata-fome, manjerioba, umarí acodem, — tudo sob manipulação afanosa, sem ao menos satisfazer parcialmente o organismo. Acrescente-se a essa lista as raízes do gordião, o pau-mocó, cuja fumaça, afirmam, cega; e o croatá.

Luís da Câmara Cascudo em seu *Histórias da Alimentação no Brasil* transcreve os versos do cearense Matias Carneiro, de Limoeiro, dando o grau dessa alimentação de circunstância:

“Da macambira a farinha
Do croatá o beijú
Da massa de coco o pão
Da mucunã o angu:
A melhor de todas quatro
É croatá comido cru.”

Por oportuno, valha-nos mais uma vez a necessária interferência de Paulo Frederico Maciel, que explica: “Os aspectos da seca se multiplicam em biológicos, sociológicos, morais, embora possamos constatar para cada ângulo a influência do outro. Assim, o drama essencial é o da fome, que se traduz biologicamente nas carências e moléstias e, sociologicamente, nas migrações. O regime alimentar é feito das chamadas raízes brabas, farinha de macambira, palma, etc., chegando o número de calorias a se reduzir a 740. As avitaminoses se caracterizam, surgindo até a “hemeralopia”. As crianças páram de crescer. Todos cheiram mal. O psiquismo amortece ao mesmo tempo que excita bruscamente o instinto da caça. E, quando tudo isso se torna evidente, o homem migra, a procura de melhora.”

É quando, dizemos nós, acode o cantador, o repórter e o historiador desses maus tempos, para registrar os terríveis momentos de provação porque passa o sertanejo. É como se dá na poesia popular de Nicandro e Nogueira, em desafio lido ao livro de Rodrigues de Carvalho, *Cancioneiro do Norte*. Canta Nicandro:

“Oh! meu Deus grande é o pecado
Deste povo que é teu.
Morto a fome como eu,
Sujo, nu e esfarrapado,
Em casa nem um roçado,
Não se vê, nem se acha pão,
Nem mesmo o duro pão,
Raiz de pau ou semente...
Morre e se acaba a gente...
“Foge o povo do sertão.”

A que responde o cantador Nogueira:

“Com razão, pai, te aflagelas,
Não teres trajés decentes,
Que cubram a carne inocente
De tuas filhas donzelas...
Seminuas, saem elas,
Se escondendo entre as mais, vão,
As lágrimas dos olhos descendo,
A quem encontram dizendo:
“Foge povo do sertão.”

Nessa retirada estratégica para não sucumbir, o sertanejo se ajusta ao julgamento de sua própria miséria, sob expressiva e contundente paremiologia que lhe ressalta, de um lado, a pobreza, e, de outro, sua maneira de encarar a adversidade:

- Desgraça pouca é bobage;
- Sofrendo, que só fundo de pilão;
- Vivendo como carne do pescoço;
- Pobre aumenta o feijão, botando água pra fazer caldo;
- Onde come um, comem três;
- Porteira abaixo, terra acabada;
- Atrás do pobre corre um bicho;
- A dor ensina a gemer;
- Saco vazio não se põe em pé;
- Cobra que não anda, não engole caçote.

E mais frases; maneiras de dizer que revelam o drama dos que migram: “raspar a panela; obrar fino; viver na “gata miar”; vida de cachorro; estar pebado, o mesmo que estar sem dinheiro; andar com a casa nas costas, isto é, carregando a rede, tudo que possui. E outras de valimento universal, como “fazer das tripas coração”, da mesma forma que o dizem os mexicanos: “hacer de tripas corazón”.

No entanto, a deserção do homem que sofre os efeitos implacáveis da grande estiagem não se dá da noite para o dia. Há como um visgo que o prende à terra, fá-lo submisso à paisagem, mesmo desolada, e dependente dos seus, ao pouco que lhe resta, que a vida lhe deu de sobejo. Primeiro, vai tentar alistar-se numa obra pública, estender a mão à caridade pública, valer-se da compreensão — nem sempre satisfatória — de velhos conhecidos ou amigos, e depois da dos estranhos, que nesse jogo para adiar a partida tudo vale.

A família aos poucos vai entendendo que já não pode viver junta. O homem se desgarrá para enfrentar a dureza do trabalho na parede de barro vermelho, que lembra o almagre, de açude que agora represa apenas a luz do sol. E a mulher, chulenta, andrajosa, carrega pela mão o filho enfermo, à procura de adjutório, como descreve Cordeiro de Andrade, em linguagem chicoteante:

— Seu doutô, tenha dó deste inocente aqui, que ele anda ruim de mais, quasi leso, pela luz de seus olhos!

A barriga da criança era uma inchação dolorosa, quase a espoucar, como uma bexiga de boi, cheia de vento. A pele elastecida, gordurosa, de um verde embaçado de patações arroxeados, inspirava náusea. Era ver-se um caso de peritonite, apodrecendo por dentro a gente viva. Soava como um bombo imprestável.

A mulher explicou, aflita, reparando no interesse com que o farmacêutico examinava o doente:

— Comeu raiz braba, doutô. Uns caldos de massa de capemba. Maniçoba, também, e entonce? A gente perdida nestes ocos do mundo de meu Deus, sem alimento direito, bebendo lamazinha por ali assim, quando a sede aperta, não pode escapulir destas doenças feias, não. Lá o quê!

Depois de muito agradecer ao farmacêutico, com uma ladainha de adjetivos, dando de marcha:

— Vamos, Manezin? Crie coragem, menino, a meizinha do doutô, abaixo de Nossa Senhora, espanta a doença. Ande meu caboquinho, que a gente ainda tem que marchar muito, na cidade. Já parece até um anjo, este cristão. Avia. Manezin, avia!”

É ainda Cordeiro de Andrade, em seu romance *Cassacos*, quem retrata o sofrimento do povo na explicação do retirante Zé Pedrosa:

“— Nos três oito, faltou até raís braba pros cristãos. A gente comia couro assado, de malas velhas que se achavam nos caminhos. O céu, pretinho assim de urubu, fazendo nuvem como se tivesse botado luto em tenção dos retirantes que morriam da malvada... Um tempão que era uma catinga só de carniça. O sol açoitava de riba, desesperado, queimando tudo, como se Nosso Senhor tivesse ficado mal com a gente. Peste de todo modo, chega fazia medo. Bexiga, febre amarela, doença do ar, mal de derribar doente, izipra, o diabo. Um despropósito de nomes. E quanto mais se pregava nas portas, os papelinhos feitos em letras de livros que os frades da santa missão davam a gente, aí era que a peste entrava, desadorada, de casa adentro. Nem o “oh! Maria Concebida sem Pecado” podia com a desesperada da malina. Não gosto de me lembrar desse tempo.”

Esse pária haveria de se lembrar não apenas do tempo pa-drasto. Mas dos dias felizes, já distantes, e que voltam, quando a fome permite uma trégua...

O cantador Pedro Amorim, como está na *Antologia Ilustrada dos Cantadores*, de Francisco Linhares e Otacílio Bandeira, vai ao fundo do coração, registrando esta emoção.

“Recordo, perfeitamente,
Quando em minha idade nova,
O meu pai abria a cova,
E eu plantava a semente,
Eu atrás, ele na frente,
Por ter força e mais idade...”

Olhando a fertilidade
Da vastidão da campina,
Aquele chuvinha fina
Me faz chorar de saudade!”

Antônio Pereira, filho de São José do Egito, é autor de expressiva sextilha, como a recolheram Linhares e Bandeira, definindo aquele sentimento que faz o nordestino, mesmo que se vá para longe, cada vez mais perto de sua terra:

“Saudade é um parafuso,
Que, na rosca, quando cai,
Só entra se for torcendo,
Porque, batendo, não vai;
E, se enferrujar por dentro,
Pode quebrar, mas não sai!”

Mas, apesar de todos os óbices, de sua existência contundida, posta à prova, em moldura de sucessivos reveses, aos quais o homem, por mais absurdo que pareça, ajusta-se humilde, sem o atrevimento dos insubmissos, prevalece a idéia de voltar para rever a terra malsinada, e começar tudo de novo, quando chover, e a natureza ressurgir às alegrias contagiantes dos verdes e molhados.

Em cada um está sempre florescente a mesma e indescartável idéia de reintegração à natureza, como nestes versos do repentista Zé de Matos:

“Quando chover no sertão,
Já chove no Cariri;
Havendo muito feijão,
Na serra, muito piqui.
Quando a cana apenudá
Quando o arroz fulorá
Quando o milho der espigas
Eu volto pra esta fartura
Para mexer rapadura
E mexer com as raparigas!”